

# Podcasts sobre Covid-19: o projeto #MDDFcontraocorona

Alan César Belo Angeluci

*Professor permanente no PPGCOM, PPGE e na Graduação em Comunicação Social na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)*

*E-mail: aangeluci@gmail.com*

Beatrice Bonami Rosa

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo*

*E-mail: beatrice.bonamirosa@gmail.com*

Brasilina Passarelli

*Professora Titular pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP)*

*E-mail: linapassarelli2@gmail.com*

**Resumo:** Neste artigo relatamos a experiência do projeto “#MDDFcontraocorona”, uma ação de educação com os meios de comunicação digital em comunidades vulneráveis do ABC paulista. Formamos um comitê com moradores de favelas e especialistas em educação e comunicação e, por meio de um processo colaborativo de projeto, produção e distribuição, totalmente virtual e digital, foram produzidos seis podcasts (programas de áudio) educativos sobre prevenção à Covid-19 direcionados à realidade de isolamento social e desinformação nas favelas. Entrevistas realizadas com os moradores nos permitiram avaliar nuances na promoção de mudanças no conhecimento, habilidades, atitudes e sociabilidades.

**Palavras-chave:** Covid-19; comunicação e educação; literacias de mídia e informação; podcasts; pesquisa etnográfica.

**Abstract:** In this paper, we report the experience of the project “#MDDFcontraocorona”, an educational action with communication media in vulnerable communities in the ABC region of São Paulo. We formed a committee with *favela* residents and specialists in education and communication and, through a fully remote collaborative process of design, production and distribution, six educational podcasts on COVID-19 prevention directed to the reality of isolation and misinformation in *favelas* were produced. Interviews with the residents allowed us to assess nuances in promoting changes in knowledge, skills, attitudes and sociabilities.

**Keywords:** Covid-19; communication and education; media and information literacy; podcasts; ethnographic research.

## 1. INTRODUÇÃO

Em tempos de hiperconectividade (ou conectividade contínua), da Internet das Coisas (IoT), do *Big Data* e da Inteligência Artificial (IA) não mais podemos fugir da reconfiguração das relações sociais e de suas estruturas de poder, da nova economia e da nova educação, em um fluxo e refluxo contínuo das interfaces de mediação da informação e da comunicação. Assim, nessa cultura do *remix*, novas lógicas, novas semânticas e novas leis emergem para dar conta da nova ordem social que se constitui e se organiza nas interfaces (tanto homem *versus* homem, homem *versus* máquina como máquina *versus* máquina) como superfícies de mediação das relações sociais que se organizam numa nova ecologia das redes.

Neste contexto de hibridismo e da centralidade da conexão entre a mente humana e a máquina também surge um novo conjunto de habilidades e/ou competências construídas a reboque do uso de diferentes tecnologias digitais, chamado de “literacias mídia e informação (*media and information literacy*, como preconizado pela Unesco desde 2008), refletindo uma realidade comunicacional que não mais comporta o processo de comunicação de massa reduzido à dualidade emissor-receptor do século passado. *Self* e redes digitais se interpenetram e se criam em relações de mútua interdependência. O século XXI traz em seu DNA o conceito de “nova economia”, que pressupõe novos modelos de negócios, a reciprocidade das ações comunicacionais e o hibridismo dos meios de comunicação de massa tradicionais como TV, cinema, rádio e mídia impressa conectado ao seu mais novo irmão – a mídia digital ou *new media*. Este caldo de cultura digital constitui terreno fértil para a emergência de utopias e distopias. De certo modo, a pandemia da Covid-19 insere-se nesta última.

Comunidades com alta vulnerabilidade social figuram entre as que apresentam maior número de vítimas fatais da pandemia do novo coronavírus. Entre os principais motivos estão a frágil infraestrutura de saneamento básico e moradia e a aglomeração em espaços diminutos, que facilitam a disseminação do vírus<sup>1</sup>. No Brasil, picos de mortes em cidades como Manaus, na região Norte do país, e em bairros periféricos como Brasilândia e Sapopemba, na cidade de São Paulo<sup>2</sup>, evidenciam que a desigualdade social é um importante agravante para essa doença, que já atingiu o status de maior desafio da saúde coletiva global em mais de cem anos.

Neste artigo, descrevemos a experiência do projeto *#MDDFcontraocorona*, uma ação educativa com meios de comunicação em comunidades vulneráveis do ABC paulista. A partir do esforço conjunto de instituições educacionais e da própria comunidade, foram desenvolvidos seis *spots* sonoros com o objetivo de combater a desinformação sobre a Covid-19 em vários tópicos sensíveis à realidade das favelas participantes da ação. O processo de desenvolvimento do projeto, desde a sua concepção, produção e distribuição, foi executado de forma totalmente virtual e digital – o que trouxe vários desafios, mas também oportunidades. Como forma de avaliação preliminar, foram realizadas dez

1. CORBURN, Jason et al. Slum health: arresting Covid-19 and improving well-being in urban informal settlements. *Journal of Urban Health*, Amsterdam, v. 97, n. 3, p. 348-357, 2020.

2. SAPOPEMBA, NA ZONA LESTE DE SP, LIDERA RANKING DE BAIRROS COM MAIS MORTES POR Covid-19. **G1 SP**, São Paulo, 22 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/22/sapopemba-na-zona-leste-de-sp-lidera-ranking-de-bairros-com-mais-mortes-por-covid-19.ghtml> Acesso em: 4 out. 2020.

entrevistas semiestruturadas com o público-alvo para identificar novas nuances no conhecimento, habilidades e atitudes sobre o combate ao coronavírus.

Acreditamos que o relato dessa experiência possa trazer aprendizagens sobre a gestão e execução de projetos educacionais totalmente à distância, principalmente no que se refere à articulação e mobilização entre os atores, à percepção de autoria colaborativa e à aprendizagem na operação e produção midiática.

## 2. DESAFIOS E COMPLEXIDADES DO CONTEMPORÂNEO HIPERCONECTADO

Durante o século XX, estudos sobre o impacto da conectividade procuraram entender a natureza, a forma e as implicações dos sistemas sociotécnicos. Objetivamente, essas investigações buscaram compreender o sentido das materialidades abarcadas nesse processo – e os diversos papéis que elas performavam. Ao longo desse exercício de compreensão da materialidade tecnológica, a ciência sinaliza para a emersão do humano oriundo do mundo físico para habitar uma atmosfera simbólica, na qual as conexões se materializam (ou assim suporia Habermas<sup>3</sup>).

Em face aos questionamentos sobre a materialidade da comunicação, o pensamento sobre a educação comumente se detém a questões que permeiam o acesso equitativo a um aprendizado de qualidade. A partir da década de 1990, as questões acerca do ensino têm abrangido aspectos da tecnologia digital. No entanto, pensar os dispositivos somente em seu aspecto técnico expressa uma insuficiência sobre o potencial de empoderamento cidadão que essas tecnologias podem oferecer.

Aparentemente, a tecnologia digital tem a potencialidade de construir estruturas interativas nas quais o indivíduo se observa diluído em um ecossistema. Do ponto de vista educativo, levar em conta essa condição significa abandonar as distinções tecnicistas da digitalização, subvertendo as habilidades instrumentais em um pensamento amplificado sobre a potência da rede mundial.

Considerando-se uma cultura do *remix* cada vez mais presente, uma nova ordem e novos protocolos precisam ser coletivamente desenvolvidos e implementados para dar conta das mediações cada vez mais complexas dos atores em rede e suas interfaces. As redes sociais e as plataformas digitais contemporâneas têm instaurado um novo ecossistema de relações e interações humanas e de interfaces inteligentes, alterando profundamente a apropriação e produção do conhecimento em relação aos métodos tradicionais<sup>4</sup>.

Através dessa perspectiva, a proliferação comunicativa ampliou-se para explicar a interconectividade entre a materialidade e imaterialidade das fontes e destinos informacionais, gerando uma multiplicidade de mensagens, meios, conexões e actantes – conceito que, dentro dos princípios de uma sociologia das associações<sup>5</sup>, refere-se à entidades não-humanas e ao seu poder agregador na formação das relações sociais e da sociedade.

3.HABERMAS, Jürgen. *The Theory of Communication Action*. London: Heinemann, 1985.

4.PASSARELLI, Bráscilina; ANGELUCI, Alan César Belo. Conectividade contínua e acesso móvel à informação digital: jovens brasileiros em perspectiva. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.28, n. 2, p. 197-208, 2018.

5.LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba, 2012; Bauru: Edusc, 2012.

Hoje, pensarmos no ensino não é somente considerar a interface entre professor e aluno: é entender que as palavras designadas neste processo carregam sentidos que podem dissimular as acepções da tecnologia e da construção coletiva do conhecimento. Da mesma maneira como se usa o prefixo “pós”, para revogar categorias do humanismo, as expressões “alfabetização” e “letramento” carecem de um pós-olhar sobre seus significados. Seus sentidos enrijecidos levam à denotação de processos instrumentais de apreensão de mundo, deixando a extensão conectiva do sujeito como um fator subjetivo e não o objetivo principal.

Argumenta-se que, nos últimos anos, tem-se utilizado um outro termo para designação das habilidades do século XXI: a palavra “literacias”. Aparentemente, os termos alfabetização e letramento não comportavam o devir tecnológico que se acompanhava com a digitalização. Algumas pesquisas de Passarelli<sup>6</sup> chegaram a demonstrar que por alfabetização e letramento informacional se entendia o digitar, o navegar em sites e o acesso à internet. Contudo, outras habilidades estão em jogo, já que o indivíduo se desenvolve quando em contato com novos meios, tecnologias e recursos informacionais.

Historicamente relacionados, os conceitos de literacia, letramento e alfabetização remetem a níveis de competência de leitura e escrita, que no contexto da sociedade em rede se expandem: o significado de ser letrado passa a englobar também o fato de ser educado na linguagem multimídia e hipertextual da tela, que se tornou o meio mais comum de comunicação e entretenimento. Portanto, a perspectiva das literacias configura-se como uma nova abordagem para os estudos da cultura das redes, no contexto de expansão dos novos paradigmas comunicacionais que transformam o usuário passivo no consumidor/ produtor ativo, o *prosumer*<sup>7</sup>.

É presumível que a tecnologia digital deixe sua dimensão instrumental em direção a uma perspectiva em que o humano não é capaz de controlá-la; ela se instaura como possibilidade de desvelar outras humanidades em um ecossistema auto-eco-organizado. É a crível revogação de um antropocentrismo que, ao criar um espaço de consciência ecológica, abre um novo tipo de inteligência conectiva.

Essa inteligência emana de sujeitos que habitam a informação ao mesmo tempo em que habitam o espaço físico. O embarque pela tecnologia contemporânea não conecta só humanos, mas um sistema de entidades existentes e rastreáveis pela emissão de informações. Com o digital, é possível escutar a polifonia de actantes em rede que versam a melodia complexa da biosfera composta por humanos e não-humanos.

Complexidade segundo Morin<sup>8</sup> é um ensaio metodológico sobre uma expressão léxica que exprime a incapacidade de definir o simples e é oposta à totalidade. O pensamento complexo pode ser dito como multidimensional, tendo como base um tecido de associações heterogêneas que constituem o mundo fenomênico. Trata da reintegração (ou reagregação, como dito por Latour) entre consciência antropocêntrica e ecossistêmica, assumindo a dicotomia entre equilíbrio e desequilíbrio como fonte de energia para direcionar a ação.

6.PASSARELLI, Brasilina. **Interfaces Digitais na Educação**: @lucin[ações] consentidas. São Paulo: Editora Senac, 2007.

7.Ibidem, p. 31

8.MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. São Paulo: Editora 34, 2015.

Esse processo seria, para Morin, a lógica das coisas vivas. É um ambiente que se formula como um sistema auto-eco-organizado, o qual aparenta denotar a organicidade e complexidade de actantes.

Morin afirma que “sistema” é uma unidade composta por diversas partes integradas, ligada a conceitos, como fronteira e delimitação, para formar o todo (superior à soma de suas partes). O autor refere-se a um método complexo para um pensamento não mais sistêmico, alegando que o sistema pode ser um saber fragmentado e unidirecional. Repassando pelos seus três princípios (dialógico, recursão organizacional e hologramático), é possível pensar a rede como uma nova ecologia que aparenta propor um outro tipo de complexidade não mais sistêmica. A rede, como uma infoestrutura, dá à matéria uma arquitetura informativa, não abandonando sua dimensão material.

O pensamento complexo, uma espécie de lógica associativa que carrega em sua semântica um ímpeto de gestão do desequilíbrio, pode ser interpretado como uma base fértil para o pensamento sobre o “sujeito” no âmbito social e sobre a realização da “ação” nas redes de interações. Para caracterizar as dinâmicas de interações, o autor introduz então o conceito de auto-eco-organização<sup>9</sup>. O argumento de Morin em torno da auto-eco-organização fundamenta sua concepção sobre transdisciplinaridade, advogando pela dissolução das categorias científicas do conhecimento.

A concepção de sistemas que se agregam e desagregam como um organismo vivo também tem inspiração a partir das etapas de revolução industrial, convergindo à uma ideia de complexidade alinhada com a de Morin. Transições de um modelo de produção industrial para um centrado em plataformas digitais ocasiona mudanças qualitativas como a digitalização de produtos e serviços, processos comerciais e atividades; a incorporação de softwares para finalidades diversas no interior do processo produtivo; a disseminação de sensores (Internet das Coisas); a formação de redes ubíquas de dados baseados em protocolos de internet; e a contratação de mão-de-obra especializada capaz de operar neste novo contexto.

Uma estrutura sistêmica e descentralizada trouxe a possibilidade de aceleração dos ciclos de inovação, uma vez que mais atores (tecnologia conectando empresas, parceiros, usuários e recursos) se envolveram no processo de criação de valores e, mais especificamente, à emergência de plataformas digitais que, desde 2000, passaram a capitanear as reconfigurações não apenas do cenário econômico, mas também social, político e cultural<sup>10</sup>.

Abordagens como as de Tiwana<sup>11</sup> e Parker et. al.<sup>12</sup>, que concebem as plataformas sob a alcunha revolucionária, nos permitem compreendê-las a partir de aspectos tecnológicos, suas características arquitetônicas e de governança, e seus efeitos econômicos e mercadológicos. Expandindo a discussão, Van Dijck et. al.<sup>13</sup> apresentam um entendimento mais amplo e complexo, no qual as plataformas estão impactando e convergindo com instituições (sejam públicas ou privadas), forçando uma readequação das estruturas democráticas e legais, o que os autores nomearam como *platform society* (sociedade das plataformas).

9. Morin (2015) nos explica que auto-eco-organização refere-se a relação intrínseca e recíproca do sujeito com o seu mundo. Essa relação com o ambiente afeta não só como ele se organiza mas também como ele se comporta.

10. PARKER, Geoffrey G.; VAN ALSTYNE, Marshall W.; CHOUDARY, Sangeet Paul. **Platform revolution**. New York: W. W. Norton & Company, 2016. p. 6.

11. TIWANA, Amrit. **Platform ecosystems: aligning architecture, governance, and strategy**. Waltham, MA: Morgan Kaufmann, 2014.

12. PARKER; VAN ALSTYNE.; CHOUDARY, op. cit.

13. VAN DIJCK; POEL; DE WAAL, op. cit.

Essa expressão se refere ao caráter onipresente e percuciente dessas arquiteturas, que não representam uma estrutura paralela que reflete a sociedade, mas estão, justamente, produzindo as novas estruturas em que vivemos, colocando em confronto direto benefícios privados e coletivos, ganhos corporativos e interesses públicos. Por isso, a indicação de não estudar as plataformas isoladamente, apartadas do social e do político, mas em comunhão com as camadas interdependentes de uma infraestrutura global em desenvolvimento desde a virada do século passado<sup>14</sup>.

Entender o cenário da conectividade e das estruturações das plataformas de produção midiática (seja de áudio, vídeo ou outros canais), parece providencial no contexto da pandemia viral e informacional que vivemos no ano de 2020. Esse cenário é acoplado a dados de ordem social para identificar a vastidão das ações comunitárias para conter o avanço da pandemia da Covid-19 e entender como cidadãos estão lidando com a atual crise sanitária e informacional. Com isso, a próxima seção abordará a origem do nosso projeto e dados das localidades trabalhadas.

### 3. Educação, Comunicação e Informação: o DNA do projeto

No ABC paulista, região que envolve sete municípios, 115.270 domicílios estão localizados em “setores subnormais”<sup>15</sup>, o que chamou a atenção de um grupo de especialistas em comunicação e educação de diversas instituições e entidades da região para o alto risco de contágio e disseminação da Covid-19. Esse grupo foi formado inicialmente por membros do Mestrado em Inovação na Comunicação de Interesse Público da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (PPGCOM/USCS), do Programa Global de Alianças em Literacias de Mídia e Informação (GAPMIL) dos países da América Latina e Caribe da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e do Movimento de Defesa dos Direitos dos Moradores em Núcleos Habitacionais de Santo André (MDDF).

Relatos das lideranças do MDDF em abril de 2020 davam conta que eram grandes as dificuldades dos moradores na adesão às campanhas do “#FiqueEmCasa”, amplamente disseminadas pelo governo do Estado como principal instrumento de comunicação e educação para promover o isolamento social durante o crescimento da curva de contágios e mortes no início da pandemia. Eram muitos moradores em habitações pequenas e que precisavam sair para trabalhar, grande parte em empregos informais e distantes de casa, exigindo deslocamentos intermunicipais por meio do transporte público; inúmeros relatos de violência doméstica; resistência e falta de informação da população em incorporar boas práticas de higiene; além do comportamento de parte da população que, ao ignorar os riscos, seguia aglomerando-se em festas e “fluxos” – os bailes funk; por fim, principalmente, falta de clareza e uma profusão de notícias falsas circulando pelas redes sociais, confundindo a população sobre como lidar com os riscos do coronavírus.

14.VAN DIJCK; POEL; DE WAAL, op. cit.

15.DENALDI, Rosana *et al.* Urbanização de favelas na Região do ABC no âmbito do Programa de Aceleração do Crescimento-Urbanização de Assentamentos Precários. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 101-118, 2016.

Entendemos que havia ali uma oportunidade para desenvolver uma ação educativa junto àquela população e que envolvesse uma aplicação mais eficiente dos meios de comunicação. Passamos, portanto, a reunir informações sobre como a comunidade se informava para traçar uma estratégia de aproximação com o público-alvo. Descobrimos que, mesmo de forma ainda precária, o principal meio de interação e comunicação dos moradores eram os *smartphones*, sendo o WhatsApp e Facebook as principais plataformas para disseminação da informação entre os membros das comunidades. Os planos de dados das operadoras de telefonia, pré-pagos para a maioria dos moradores, já permitem o uso gratuito desses aplicativos; em determinadas áreas das comunidades, porém, a disponibilidade de sinal é um empecilho. A alternativa é, portanto, deslocar-se na comunidade, em busca de um sinal mais robusto, ou procurar pontos de acesso gratuito ao Wi-Fi dentro ou fora da comunidade. De qualquer maneira, tínhamos a informação que ao menos uma vez ao dia os moradores conseguiam conectar seus aparelhos a alguma rede de internet. Esse acesso precário permitia o envio e recepção de mensagens de texto e áudio, mas não garantia a transmissão de conteúdos de vídeo com qualidade.

Lembramo-nos das lições de Kaplún, que fez da radiodifusão sonora uma prática educacional e cultural adequada às realidades da população – com ela e para ela. Dizia ele que

no sólo lícita sino indispensable la intervención inteligente y crítica del comunicador, dialogando con el pueblo, cuestionando ciertos contenidos internalizados en él, seleccionando los aportes populares para que a través de ellos, se genere una evolución y un proceso auténticamente educativo<sup>16</sup>.

Entendemos que, diante da realidade dos recursos disponíveis entre os moradores das comunidades e seus hábitos de uso, a produção de um conteúdo educativo de áudio poderia se configurar como uma estratégia importante para combater a desinformação sobre o coronavírus. Assim sendo, direcionamos nosso planejamento com base na abordagem do *podcast* como estratégia de *microlearning*<sup>17</sup>.

#### 4. IMPLEMENTANDO O PLANO DE AÇÃO

Durante quatro semanas, entre maio e junho de 2020, o grupo formado por especialistas em comunicação e educação do PPGCOM/USCS e do GAPMIL/UNESCO, além de membros das comunidades no raio de atuação do MDDE, reuniram-se em sessões virtuais (Figura 1) via plataforma Google Meets com o objetivo de desenhar e executar o plano de ação. Mantivemos também uma observadora externa *ad hoc*, professora e pesquisadora dos campos de educação e comunicação, para a qual confiamos a tarefa de acompanhar a execução do projeto, pontuando eventuais falhas ou sugerindo ajustes de rota.

O plano de ação tinha como objetivo realizar, em quatro semanas:

16.KAPLÚN, Mario. *Producción de Programas de Radio: el guión – la realización*. Ciudad de México: Cromocolor, 1994. p. 128.

17.AHMAD, Nauman. The Impact of Audio Podcasting as A Micro-Learning Tool on Co-Education. *E-Leader International Journal*, Fort Lee, NJ, v. 12, n. 1, p. 1-7, 2017.

- Alan César Belo Angeluci, Beatrice Bonami Rosa e Brasilina Passarelli

1. a criação de *podcasts* de áudio com a participação de membros das comunidades com informações sobre Covid-19, baseadas em organismos de credibilidade internacional, mas ajustadas às realidades das favelas, com vistas à redução de danos;
2. a distribuição do material fonográfico por meio de WhatsApp de lideranças, redes sociais e rádios comunitárias utilizando estratégias de *call to action*.
3. a mensuração da disseminação das informações a partir de pesquisa qualitativa etnográfica baseada em entrevistas e dados da plataforma de *podcast*.

Também definimos conjuntamente que os conteúdos educativos deveriam respeitar não somente as demandas locais de redução de danos sobre o coronavírus nas comunidades, mas também as identidades culturais, com o uso de gírias e paisagens sonoras indicadas pelos próprios moradores. E, por fim, que as narrações deveriam ser gravadas por membros da comunidade. Coube aos integrantes do MDDF identificar esses personagens e levantar as principais demandas informacionais sobre a pandemia; à equipe do GAPMIL/UNESCO a checagem da credibilidade das fontes para a produção dos conteúdos; e ao PPGCOM/USCS a produção dos roteiros, edição dos *podcasts* e capas para os lançamentos dos conteúdos nas redes sociais e plataformas de distribuição.

Nesse processo de interação com a comunidade, foram identificadas cinco demandas informacionais sobre a prevenção à Covid-19:

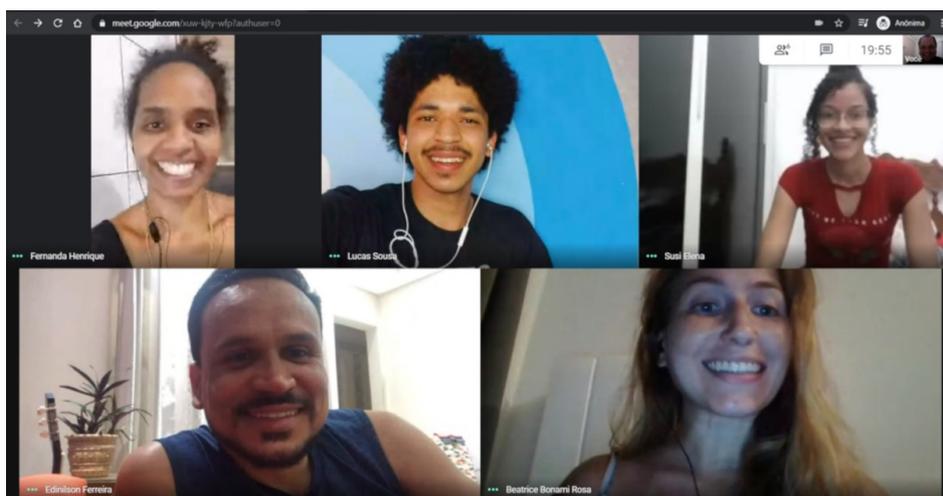
1. Como praticar o isolamento social com moradias superpopulosas?
2. Como usar a máscara e motivar o outro a fazê-lo também?
3. Quais cuidados tomar no transporte público?
4. Como evitar o contato físico?
5. O que fazer em casos de violência doméstica?

Foi durante essa etapa que o nome da ação foi elaborado, buscando privilegiar a identidade das comunidades envolvidas e a linguagem de disseminação de *tags* em redes sociais e aplicativos: #MDDFcontraocorona. Definimos também que, para que os áudios pudessem circular efetivamente via WhatsApp, seu tempo de duração não podia ser longo, e definimos um parâmetro médio de um minuto de duração para cada um deles.

Além das reuniões virtuais no Google Meets, que tinham duração média de uma hora, foi criado um grupo de WhatsApp para facilitar a comunicação e a troca de informações úteis e ágeis de forma assíncrona. A facilidade do acesso aos moradores por meio de mensagens de texto e áudio contribuiu para que pudéssemos obter feedbacks sobre a produção dos roteiros dos *spots* (Figura 2). Definimos que os roteiros deveriam respeitar um padrão: iniciar com uma apresentação do personagem, dizendo seu nome e local de fala, seguida da mensagem e encerrar com uma assinatura que estimulasse o *call*

to action – o compartilhamento da hashtag #MDDFcontraocorona – e a menção aos parceiros envolvidos na ação.

Foi importante que um dos líderes do MDDF centralizasse a gestão dos contatos e conduzisse o fluxo de informação para o grupo, organizando as demandas e os *inputs* necessários para o avanço das etapas de produção. Novos parceiros, ao longo do processo, também foram incorporados à ação e prestaram apoio ao projeto: a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) auxiliou com informações sobre a prevenção à doença e a rádio comunitária Zummm FM 87,5, de Santo André/SP, colaborou na gravação das assinaturas dos *podcasts* e incorporou os áudios à sua programação.



Fonte: elaborada pelos autores.

**Figura 1:** Grupo formado por membros do PPGCOM/USCS, GAPMIL/UNESCO e MDDF em uma das reuniões virtuais de execução do plano de trabalho

SPOT #2	
Retranca: USO DA MÁSCARA	Data: 06/06/21
	Tempo: 1'20"
TÉCNICA	LOCUÇÃO
LOC 1 (mulher)	[nome homem], posso te dar um toque?
LOC 2 (homem)	-Fala, [nome mulher].
LOC 1 (mulher)	-O jeito que você usa a máscara, assim, pendurada na orelha ou do jeito que está agora, embaixo do queixo... coloca em risco você mas principalmente quem está por perto.
LOC 2 (homem)	-Porque?
LOC 1 (mulher)	-O coronavírus se transmite principalmente pelo nariz e boca, quando a gente fala, respira...
LOC 2 (homem)	Mas eu nem estou com febre e tosse.
LOC 1 (mulher)	-A maioria nem tem sintomas. É aí que está o maior risco.
LOC 2 (homem)	-É... você está certa. Mas agora quem vai te dar um toque sou eu.
LOC 1 (mulher)	-O que eu fiz?
LOC 2 (homem)	-Acabou de botar a mão na parte da frente da sua máscara de pano!
LOC 1 (mulher)	-Nossa, foi automático! a gente nem percebe... tem que ficar atento mesmo.
LOC 2 (homem)	-se você tiver com ela há mais de duas horas ou ela estiver úmida, melhor botar pra lavar...
LOC 1 (mulher)	- com sabão ou água sanitária, certo?
LOC 2 (homem)	-isso mesmo!
LOC 1 (mulher)	-Aproveita então pra trocar essa sua máscara descartável aí... toma aqui um saco plástico, coloca ela dentro e joga em um lixo orgânico. E para de usar! ela no queixo!
LOC 2 (homem)	-Boa! Obrigado. Tenho uma outra nova aqui pra usar.
LOC 1 (mulher)	-Antes de colocar vamos aí naquela bica que tem água e sabão para lavar as mãos.
LOC 2 (homem)	-Vai você primeiro, pra gente não se aglomerar e manter uma distância segura.
LOC 1 (mulher)	- Quem vê pensa que é cavalheiro assim! (risadas)
TEC 1 roda trilha e vai a BG	-[Assinatura]: Compartilhe esta ideia com a hashtag MDDF CONTRA O CORONA. Uma ação do MDDF, da Fiocruz, da rádio Zoom, do Mestrado em Comunicação da USCS e do grupo GAPMIL da UNESCO.
LOC 2 (narrador)	
TEC 2 corta BG	

Fonte: elaborada pelos autores.

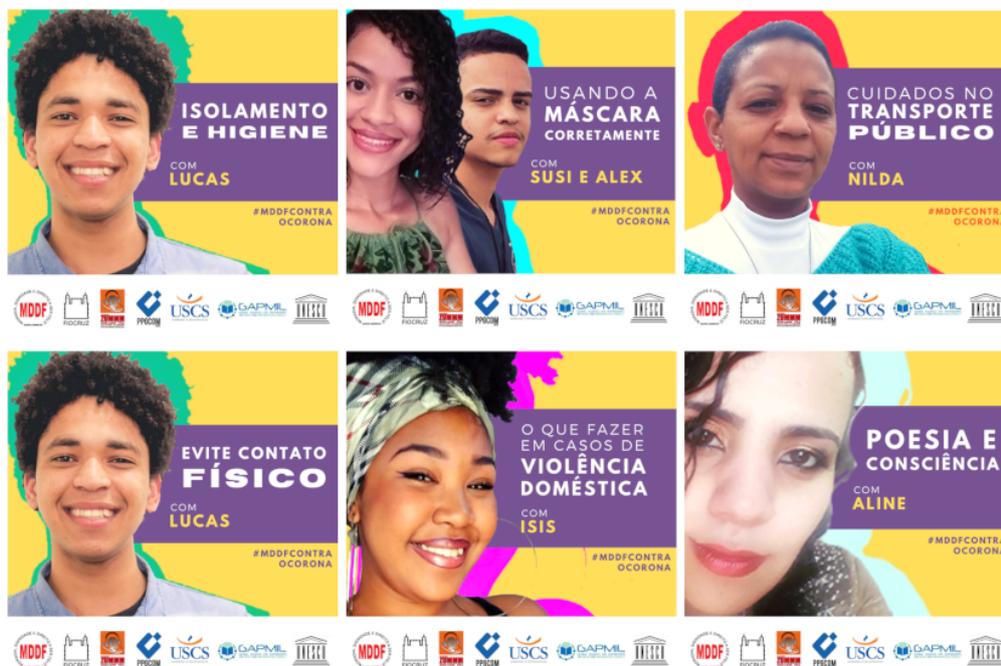
**Figura 2:** Roteiro do segundo *spot*

- Alan César Belo Angeluci, Beatrice Bonami Rosa e Brasilina Passarelli

Ao longo do processo colaborativo de produção, alguns ajustes foram feitos quanto à temática de um dos *podcasts*: o terceiro *podcast* havia sido roteirizado para tratar dos aspectos sobre o comércio de produtos essenciais e, durante o processo, o governo do estado iniciou o Plano São Paulo de reabertura gradual da economia. Dessa forma, resolvemos priorizar um conteúdo de duração mais permanente ao longo do tempo. Identificamos junto aos membros das comunidades muitas dúvidas sobre prevenção no transporte público e, dessa maneira, esse tema passou a ser o mote do terceiro *podcast*.

Também, passamos a entender essa produção a partir das lógicas das distribuições de conteúdos de áudio em plataformas de *streaming* digitais, e decidimos assumir as produções como episódios de *podcasts*. Inicialmente, havíamos previsto a produção de cinco episódios. No entanto, uma das moradoras das comunidades se motivou tanto pelo projeto que, por espontânea atitude, criou um poema resumindo os cinco temas escolhidos. O poema foi gravado e se tornou o sexto e último episódio, configurando então a primeira temporada do *podcast* #MDDFcontraocorona.

Os episódios gravados e editados foram disponibilizados a partir da plataforma gratuita Anchor<sup>18</sup>. Os pesquisadores do PPGCOM/USCS produziram também as capas para redes sociais (Figura 3) e os membros do MDDF se responsabilizaram por distribuir os *podcasts* pelo WhatsApp dos moradores das comunidades, além de realizar postagens semanais, liberando um episódio por semana, durante o mês de junho e julho de 2020.



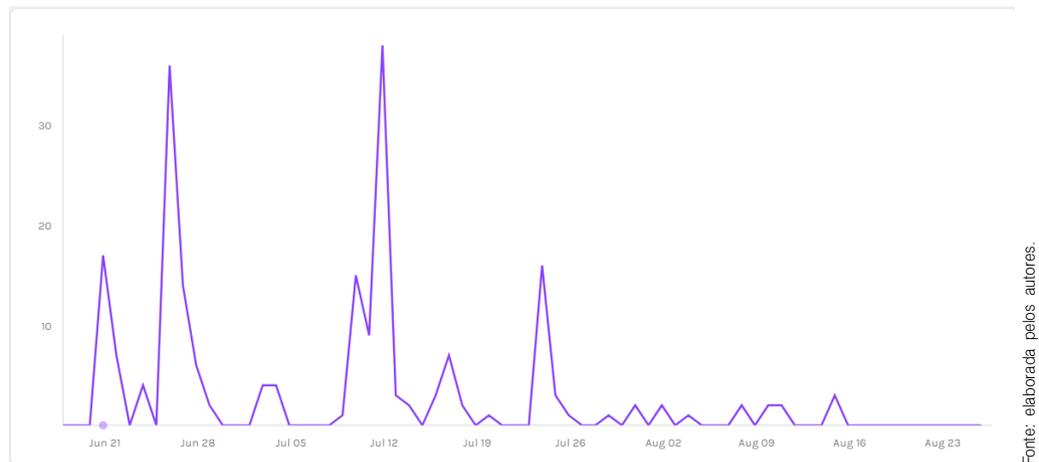
Fonte: elaborada pelos autores.

Figura 3: Montagem com as capas dos seis episódios para Instagram

18. Os episódios estão disponíveis em: <https://anchor.fm/alan-angeluci/episodes/Episodio-01-Isolamento-e-Higiene--com-Lucas-efo24s> Acesso em: 5 out. 2020.

## 5. PESQUISA QUALITATIVA ETNOGRÁFICA

Após o período de disseminação dos conteúdos de áudio via WhatsApp e redes sociais, avaliamos primeiramente os indicadores de audiência da plataforma Anchor. Os dados revelaram que, entre junho e julho de 2020 (Figura 4), os áudios foram executados 210 vezes, com picos de audiência coincidentes com os dias de divulgação dos áudios nas redes sociais. O maior registro de audiência foi no dia 11 de julho de 2020, sendo os *podcasts* de número um (“Isolamento e higiene”), dois (“Usando a máscara corretamente”) e seis (“Poesia e consciência”) os mais populares nesta data.



**Figura 4:** Audiência dos *podcasts* entre junho e julho de 2020

Também, selecionamos dez moradores das comunidades envolvidas com a ação e que tiveram acesso aos *podcasts*. A amostragem foi definida por conveniência e os entrevistados responderam a três perguntas enviadas por áudio via WhatsApp, sendo solicitado a eles que respondessem cada uma delas também por áudio. As perguntas foram elaboradas com base nos referenciais de competência em informação para conhecimento, habilidades e atitudes<sup>19</sup>:

1. Quais informações ouvidas você acha que contribuiram e te ajudaram a saber mais sobre a prevenção contra o coronavírus?
2. Em quais situações da sua vida você agora se sente capaz de colocar em prática a informação que recebeu? Se não, o que impede de colocar em prática?
3. Qual informação ouvida que você acha que pode mudar ou já mudou um comportamento seu?

Com relação à primeira pergunta, que trata do conhecimento adquirido, foi possível notar que houve uma menção importante ao episódio cinco, que abordou a violência doméstica durante a pandemia e o auxílio aos moradores das comunidades com relação, por exemplo, a como solicitar ajuda médica

19. BELLUZZO, Regina Célia Baptista. *A competência em informação no Brasil: cenários e espectros*. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. p. 28.

ou até mesmo uma cesta básica. No episódio, foi disponibilizado um número de telefone para contato e muitos entrevistados destacaram essa informação. Segundo a Entrevistada 1, “o número de telefone que foi ‘postado’ nesse episódio, que eu escutei, foi muito interessante porque é uma coisa para se compartilhar”. E complementa: “tem pessoas que passam necessidade de um alimento e não tem informação sobre como procurar ajuda”. A Entrevistada 10 disse ter ficado feliz em saber que existe uma forma das pessoas que passam dificuldades tanto financeiras quanto de saúde ou que sofreram agressões receberem algum tipo de apoio. Outros entrevistados, como o Entrevistado 3 e a Entrevistada 7, destacam que as informações não eram novidade, mas que foram úteis para reforçar o conhecimento que já tinham. Já os Entrevistados 2 e 4 revelaram que informações que aparentemente parecem bastante disseminadas ainda não chegaram a todos da comunidade, como não colocar a mão na frente da máscara ou lavar objetos vindos de fora.

No que se refere à pergunta dois, sobre as habilidades obtidas, a mudança prática está mais relacionada aos cuidados básicos com a higiene e que a maioria acredita que possa praticar mais a partir das instruções recebidas. A Entrevistada 2 relata que passou a lembrar de levar um recipiente com álcool sempre que sai e ficou mais atenta à troca da máscara depois de um tempo de uso; também, o Entrevistado 5 destacou que refletiu e chegou à conclusão de que estas são mudanças que podem ser incluídas no cotidiano. A Entrevistada 6, no entanto, externou sua preocupação com a falta de um contato mais presencial para receber as orientações: “eu acho que dentro da minha comunidade falta o tête-à-tête; acho que tinha que ter uma pessoa aqui, diferente, de outro nível, pro pessoal entender o que é a Covid de verdade” – segundo ela, membros da comunidade falando “são mais um”, e não causam efeito como alguém de fora. Por outro lado, a Entrevistada 1 destacou que o que a motivou na verdade foi ter ouvido uma pessoa conhecida dando as recomendações: “o áudio, foi até a Nilda, né, que postou o áudio. Eu gostei”.

Por fim, sobre a pergunta três – que trata das atitudes – boa parte dos entrevistados relataram preocupações com o uso do transporte público e acreditam que as informações ajudaram a rever seu comportamento. Os Entrevistados 8 e 9 destacaram a necessidade de cuidado nos ônibus que passaram a ter; o Entrevistado 2 destaca que passou a evitar os horários de pico no transporte público, além de evitar as visitas a amigos e parentes. A Entrevistada 1 destaca que passou a olhar mais para as atitudes da família e conversar com todos sobre os cuidados nos contatos íntimos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reboque do *#MDDFcontraocorona* muitas lições foram aprendidas. A primeira delas é que é possível articular atores de diferentes frentes em uma ação conjunta e em rede. Claramente, foi possível realizar essa interação ágil

por meio das facilidades das ferramentas de comunicação digital e dos aplicativos móveis. A conectividade dos membros das comunidades vulneráveis foi estruturante para participar de nossos encontros virtuais. Observamos também que era necessário traçar um plano de ação bem claro, com metas, atribuições de responsabilidades e prazos. O uso das ferramentas digitais para comunicação permitiu abordagens mais objetivas – era mais fácil conciliar as agendas dos participantes em função da presença da maioria em casa. Além disso o virtual tornava as reuniões mais focadas e com duração menor do que se fossem presenciais.

Outra contribuição de aprendizagem do projeto é a perspectiva colaborativa – que acabou por ser potencializada pelo uso do WhatsApp. A participação remota da comunidade no design interativo do projeto foi um diferencial importante; foi possível pensar em conteúdos educativos direcionados às demandas dos moradores a partir das recomendações indicadas por eles. Entendíamos, desde o princípio, que se o projeto não fosse desenvolvido a partir do olhar deles e para eles talvez não ganhasse em relevância e importância no contexto comunitário. A aproximação do PPGCOM/USCS e do GAPMIL/UNESCO com o MDDF teve um resultado importante: os moradores e participantes do movimento demonstraram em vários momentos do projeto a satisfação em contar com parceiros acadêmicos e institucionais.

A dificuldade em se mensurar a audiência dos podcasts pelo Whatsapp foi um empecilho. Apesar do *dashboard* da plataforma Anchor oferecer um bom indicativo estatístico da evolução da audiência, entendemos que a maior parte dela ocorreu via Whatsapp – para o qual não possuíamos ferramenta gratuita de mensuração nem recursos financeiros para investir em alguma. Buscamos superar essa limitação por meio das entrevistas qualitativas.

Por fim, as avaliações preliminares permitiram inferir que a experiência midiática no contexto de uma ação educativa para a formação do conhecimento, de novas habilidades e de atitudes parece ser uma das poucas opções em um contexto de pandemia. Os entrevistados citaram a importância dos *podcasts* como um meio de reforço e confirmação de conhecimentos já adquiridos, mas também sugeriram que aprender algo por estímulo sonoro também é capaz de revisar comportamentos e colocar em prática novas e necessárias habilidades de autocuidado.

## REFERÊNCIAS

AHMAD, Nauman. The Impact of Audio Podcasting as A Micro-Learning Tool on Co-Education. **E-Leader International Journal**, Fort Lee, NJ, v. 12, n. 1, p. 1-7, 2017.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **A competência em informação no Brasil: cenários e espectros**. São Paulo: ABECIN Editora, 2018.

- Alan César Belo Angeluci, Beatrice Bonami Rosa e Brasilina Passarelli

CORBURN, Jason *et al.* Slum health: arresting Covid-19 and improving well-being in urban informal settlements. **Journal of Urban Health**, Amsterdam, v. 97, n. 3, p. 348-357, 2020.

DENALDI, Rosana *et al.* Urbanização de favelas na Região do ABC no âmbito do Programa de Aceleração do Crescimento-Urbanização de Assentamentos Precários. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 101-118, 2016.

HABERMAS, Jürgen. **The Theory of Communication Action**. London: Heinemann, 1985.

KAPLÚN, Mario. **Producción de Programas de Radio: el guión – la realización**. Ciudad de México: Cromocolor, 1994.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012; Bauru: Edusc, 2012.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. São Paulo: Editora 34, 2015.

PARKER, Geoffrey G.; VAN ALSTYNE, Marshall W.; CHOUDARY, Sangeet Paul. **Platform revolution**. New York: W. W. Norton & Company, 2016.

PASSARELLI, Brasilina. **Interfaces Digitais na Educação: @lucin[ações] consentidas**. São Paulo: Editora Senac, 2007.

PASSARELLI, Brasilina; ANGELUCI, Alan César Belo. Conectividade contínua e acesso móvel à informação digital: jovens brasileiros em perspectiva. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 28, n. 2, p. 197-208, 2018.

SAPOPEMBA, NA ZONA LESTE DE SP, LIDERA RANKING DE BAIROS COM MAIS MORTES POR Covid-19. **G1 SP**, São Paulo, 22 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/22/sapopemba-na-zona-leste-de-sp-lidera-ranking-de-bairros-com-mais-mortes-por-covid-19.ghtml> Acesso em: 4 out. 2020.

TIWANA, Amrit. **Platform ecosystems: aligning architecture, governance, and strategy**. Waltham, MA: Morgan Kaufmann, 2014.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The Platform Society**. Oxford: Oxford University Press, 2018.